



Uma criança pode ir  
até aonde sonhar

SUZANNE CHAZIN

# Ela ouviu a música

**C**OMEÇOU A CANTAR tão logo aprendeu a andar. De pé, diante do espelho, escova de cabelo na mão, Denyce Graves imitava as cantoras de *gospel* que ouvia na Igreja Pentecostal Jardim da Oração. Observando como a música transformava a mãe, a garotinha decidiu que aquilo era algo especial. Mesmo sem possuir mais nada poderia ter a música ao seu alcance.

Denyce e a família pareciam estar excluídas do mundo naquele início dos anos 70. Os pais haviam se separado. A mãe trabalhava como lavadeira e datilógrafa. Mal podia sustentar os filhos. Entretanto, o minúsculo apartamento abrigava um mundo secreto, cheio das palavras de enaltecimento da música *gospel*, enciclopédias e adornos nas paredes lembrando às crianças de que o trabalho

árduo e a fé eram os caminhos para o sucesso.

“Vocês são especiais”, dizia Dorothy ao filho e às duas filhas. “Podem fazer o que quiserem.”

Às vezes, os sonhos da mãe contrastavam notavelmente com a realidade. Na rua de Washington, Denyce foi ridicularizada pelas crianças da vizinhança por usar vestidos feitos em casa e pelo “mau” gosto na música. Os valentões da escola confundiram o comportamento recatado da menina com esnobismo. Insultaram-na por “agir como os brancos”.

Certo dia, uma vizinha mentalmente perturbada passava pela rua, enquanto os filhos de Dorothy a ajudavam na lavagem do carro. A mulher começou a xingar toda a família e, em seguida, atacou-os impetuosamente com um cabo de vassoura. Dorothy conseguiu afugentá-la, mas quando voltou tremiam-lhe as mãos. O estômago de Denyce revolviam-se quando ela retirou a esponja ensaboada do balde.

De repente, ouviu profundo e suave murmúrio. Então, a poderosa voz de contralto da mãe ressoou em uma conhecida canção *gospel*. Instintivamente, Denyce juntou-se a ela. Em seguida, as outras crianças as acompanharam até que as vozes combinadas ficaram fortes como uma muralha. Cantar parecia afugentar os acontecimentos ruins.

“EXISTE UMA ESCOLA pública de segundo grau em que você deveria tentar ingressar”, a professora de Denyce, Judith Grove, disse-lhe certo

dia, em 1977, quando ela ainda cursava o ginásio. “Chama-se Escola de Artes Duke Ellington.” Grove deu a Denyce o formulário de solicitação de vaga. “Vai precisar de uma audição para entrar.”

Grove conheceu Denyce em 1974. Ficou impressionada com aquela menina de 9 anos. Não era apenas a voz clara e vigorosa. Ouvira muitas crianças igualmente talentosas. Em Denyce, vislumbrou concentração e determinação.

Sob a tutela de Grove, a esguia e desajeitada garota começou a prosperar com esperança. “Quero apresentar-me no palco”, anunciou Denyce à professora um dia. Começou a cantar solos na igreja e passava as horas livres ensaiando na escola. Porém, ainda tinha de escapar das ruas do bairro de Washington. Ir para Ellington seria bom começo.

Denyce saltou do ônibus em Georgetown, em frente a uma escola de três andares, feita de tijolos brancos aparentes, em tranqüila rua de casas e jardins. Um jovem estava sentado debaixo da árvore, tocando trompete. Outro aluno apoiava-se na parede, fazendo exercícios de alongamento para a aula de dança.

*Essa é uma escola para pessoas que têm paixões*, pensou ela. *Por favor, meu Deus, rezou, deixe-me ser aprovada na audição.*

Foi aprovada e, poucos meses depois, Judith Grove juntou-se a ela em Ellington, após ser contratada como diretora-assistente da escola.

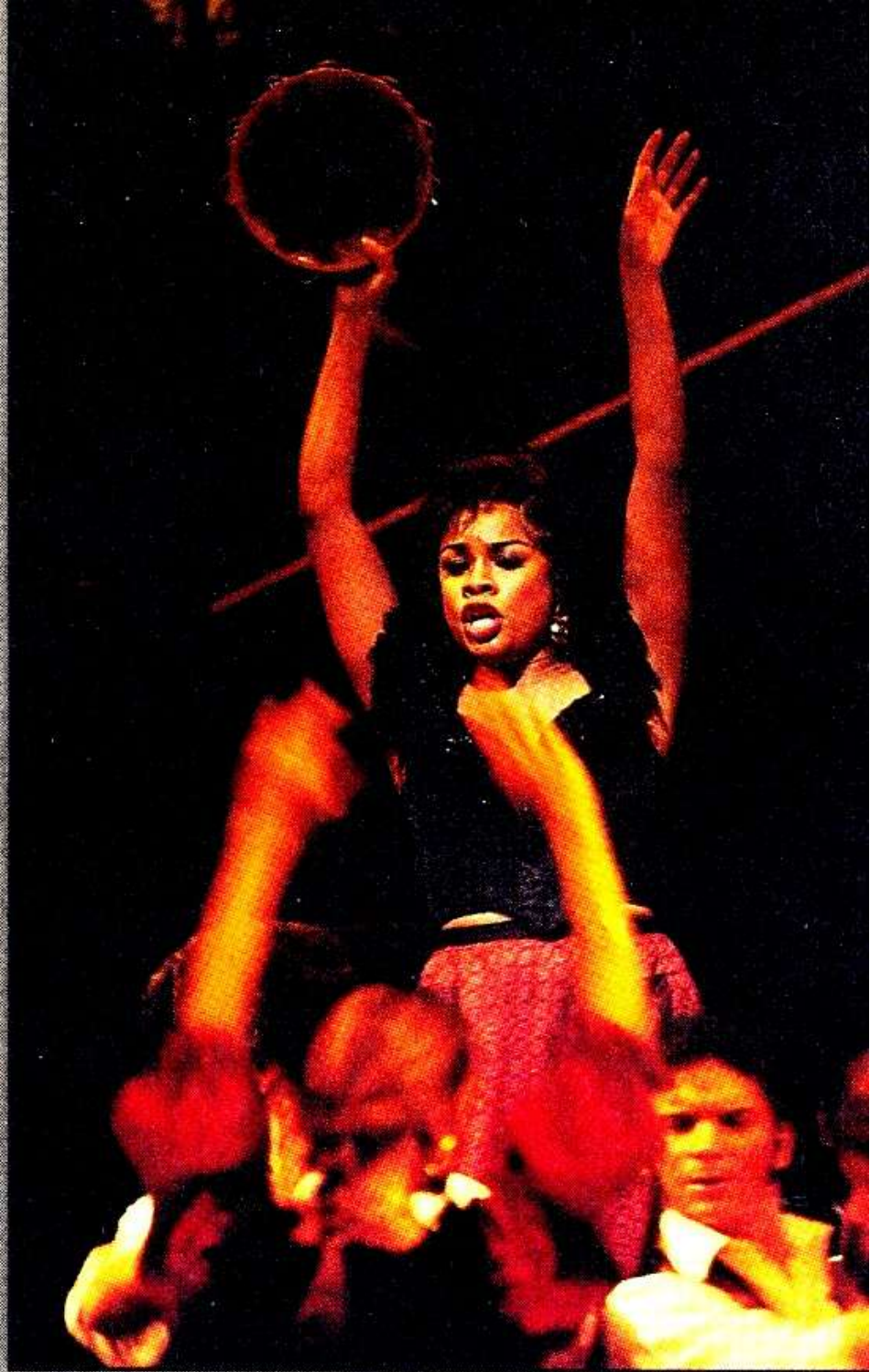
UMA NOITE, DENYCE recebeu con-

vite para o ensaio geral da ópera *Fidelio*, de Beethoven, no Centro Kennedy de Artes. A história, cantada em alemão naquela ópera do século 19, parecia fora de moda para Denyce. Quando as luzes diminuíram de intensidade e a cortina foi aberta, Denyce ouviu uma voz feminina tão delicada quanto pérolas – cantava o amor e a angústia, a força e a determinação, sentimentos que a menina entendia.

Mais tarde, Denyce diria a Grove: “A ópera foi a coisa mais maravilhosa que já vi.” Poucos meses depois, outra professora lhe deu a gravação de *Voi lo sapete*, da ópera *Cavalleria Rusticana*. Denyce, fascinada pelo tom melancólico na voz da mulher, reproduziu a canção várias vezes, até memorizá-la.

“Quero ser cantora de ópera”, Denyce contou a Grove. A professora percebeu um brilho vindo de seu interior. Agora, a música já não era apenas um interesse ou mesmo paixão para Denyce; era a própria vida.

A adolescente, contudo, não fazia idéia do que estava enfrentando. Denyce ia precisar de educação musical formal, e logo estaria competindo com garotas que tinham anos de prática. Deveria aprender idiomas estran-



Do jornal *New York Times* sobre Denyce Graves: “Poucas Carmens apresentaram tanta beleza e sensualidade.”

geiros necessários para estudar composições clássicas, bem como frequentar aulas particulares, tão importantes para competir em nível mundial.

Além disso, havia a noção, sustentada por alguns, de que negros não sobressaíam em óperas. Até mesmo a mãe de Denyce tinha suas dúvidas.

“Mas isso é o que desejo fazer”, in-

sistia a menina. “Quero viajar e me apresentar pelo mundo. Quero cantar no *Metropolitan Opera House* de Nova York.”

O coração de Dorothy Graves partiu-se. Durante todos aqueles anos, trabalhara muito para propiciar vida melhor aos filhos. Agora, a filha mais estudiosa queria abrir mão da segurança que estava a seu alcance, em nome do mundo altamente volúvel das artes cênicas.

“Se existe alguém capaz de fazer isso acontecer, esse alguém é Denyce”, assegurou Grove a Dorothy. Era hora de deixá-la seguir o próprio caminho – a mãe sabia. Teria de confiar na garota, e em Grove, para navegar num mundo que não conseguia compreender.

“Se você quer tanto ser cantora de ópera, simplesmente trabalhe duro para isso”, consentiu Dorothy, por fim, “e confie em Deus.”

Durante o dia, Denyce aumentou a carga horária na escola, para que pudesse terminar o curso antes da época prevista. À noite, voltava para o monótono bairro de Washington. Sabia que existiam mais coisas no mundo, e ansiava por vê-las.

Em 1981, aos 16 anos, concluiu o curso na Duke Ellington e foi estudar canto no Conservatório Musical Oberlin, em Ohio. Ali, arrumava dormitórios, assava rosquinhas, entregava pizzas e lavava pratos para equilibrar o orçamento. Quando a professora de canto se mudou para o Conservatório Musical de New England, em Boston, Denyce acompanhou-a.

Certo dia, no conservatório, Denyce participou de um laboratório de ópera. Quando se levantou para cantar uma ária de *Werther*, executada pela personagem Charlotte – a mulher que se casa com um homem mas ama outro – os alunos a bombardearam com perguntas, a fim de deixá-la “dentro do papel”:

– O que você vai usar?

– Como se sente?

– Qual é sua cor?

– Branca – retrucou.

A turma ficou em silêncio, enquanto Denyce suspirava. Aquela era uma questão que nunca havia considerado.

*Se Charlotte só poderia ser branca, então por que estou fingindo ser ela? Com tão poucos papéis de óperas não definidos como de brancos, como posso esperar cantar ópera?*

Naquela noite, Denyce se deu conta da situação. Em toda a vida, permitira que as pessoas a rotulassem. Era branca demais para as ruas do bairro e negra demais para o mundo da ópera. Daquele momento em diante, decidiu nunca mais deixar que alguém a “qualificasse”. Charlotte poderia ser o que Denyce quisesse, e Denyce também.

TRÊS ANOS EM OBERLIN e quatro anos no Conservatório de New England haviam transformado a mulher de 23 anos em brilhante meio-soprano. Denyce classificou-se entre as 25 finalistas convidadas a competir nas Audições do Conselho Nacional do *Metropolitan Opera House*, em março de 1988. Aquele era o momento esperado a vida inteira. Tão impor-

tante quanto vencer a competição era a chance de ser observada e cogitada para o programa de treinamento de jovens artistas do *Metropolitan*.

Poucos meses antes das finais, entretanto, começou a sentir muco na garganta e dor nas cordas vocais. “Pare de cantar antes que você provoque maiores danos à garganta”, aconselhou um médico. Ela ignorou a advertência e foi para Nova York, mas teve de se retirar da competição.

Retornou a Boston e conseguiu emprego como secretária. As consultas a pelo menos uma dúzia de especialistas, na tentativa de identificar o mal que acometia sua voz, fracassaram.

Denyce parou até mesmo de assistir a óperas. As recordações eram muito dolorosas. Naquela primavera, um médico diagnosticou o problema vocal associado a uma disfunção da tireóide, curável através de medicação. “Agora você pode cantar novamente”, disse-lhe a mãe estimulando-a.

Porém, não foi só a voz de Denyce que a abandonara. Pela primeira vez na vida, perdera a determinação de continuar lutando.

No verão daquele mesmo ano, contudo, o *Houston Grand Opera* chamou Danyce. Estaria ela interessada em participar das audições do programa de jovens artistas da casa? De início, hesitou. O *Houston Grand Opera* não era o *Metropolitan*.

*Está tudo acabado*, pensou. *Não posso mais cantar*. Amigos e professores imploraram que participasse das audições. “Não podemos parar aqui”, insistiu Grove, gentilmente.

“Deus lhe deu uma voz e você tem de aproveitá-la. Use-a em Houston ou em qualquer lugar, mas use-a.”

DENYCE FOI para Houston. Na primavera seguinte, o *Grand Opera* selecionou-a para o papel coadjuvante de Emília, em *Otello*. O papel-título foi oferecido a um tenor convidado: Plácido Domingo, um dos astros mais celebrados do mundo da ópera.

Para Denyce, aquela parecia ser a segunda chance que vinha aguardando. Ensaiou até ficar exausta, só que dessa vez a voz ficou mais estável e vigorosa. A confiança ressurgiu. Antes da estréia, já estava cantando melhor do que nunca.

Três anos mais tarde, em 1992, recebeu um telefonema. Domingo fora escalado para fazer o papel-título masculino em *Sansão e Dalila* no Festival Ravinia, perto de Chicago. Ele indicou Denyce para o papel de Dalila.

A mudança para Houston, que antes lhe trouxera fracasso e desapontamento, havia se transformado no mais rápido caminho para o sucesso. Os diretores artísticos foram conquistados pelo inteligente misto de charme e talento. Ela foi convidada para cantar em todas as grandes casas de ópera da Europa e muitas nos Estados Unidos. “Graves é, aparentemente, grande talento”, avaliou o *Los Angeles Times*. Contudo, um sonho ela ainda não realizara.

ERA SÁBADO, DIA 7 de outubro de 1995, e o *Metropolitan Opera House* de Nova York estava lotado. Espa-

lhou-se a notícia de que uma linda americana, de 30 anos, dona de uma potente voz meio-soprano, um sorriso magnético e muita habilidade nas artes dramáticas estava dominando o mundo da ópera como um furacão. Fazendo o papel principal em *Carmen*, de Bizet, de uma arrojada e sedutora cigana espanhola, Denyce Graves conquistara platéias de Londres a Nova York. E agora, depois de sete longos anos, a mulher que perdera a chance de atuar no mais importante palco de ópera da América fazia ali sua estréia como a artista principal.

Trajando saia vermelha e preta de camponesa, Denyce entrou em cena como se fosse dona do palco. Um brilho intenso iluminava-lhe os olhos de pantera. Na metade do primeiro ato, quando, com as mãos amarradas para trás, insultou o deslumbrado Don José, a platéia ficou fascinada. Nenhuma das pessoas que ali estavam poderia ter sentido mais orgulho do que Dorothy Graves e Judith Grove. Elas

fitavam extasiadas a diva apaixonada, dona de uma voz macia como seda. Todos aqueles anos se resumiram em um momento, uma ópera, um palco.

Ao final da apresentação, a platéia levantou-se para ovacioná-la e, à medida que os aplausos aumentavam, Denyce irradiava alegria. Poderia cantar por mais 50 anos – ela sabia –, porém aquela seria a noite da qual se lembraria com mais freqüência.

Nos bastidores, após a apresentação, Denyce abraçou a mãe e Grove. Quando não havia mais nada diante delas, a não ser a esguia garota sonhadora, ambas ouviram a música e viram a estrela em seu interior.

Foi então que Denyce se virou para cumprimentar as pessoas e dar autógrafos. Quando se voltou novamente para dar uma olhada em sua mãe e sua professora, elas já se haviam misturado à multidão, contentes em assistir das sombras, sabendo que a criança que nunca perdera a esperança estava agora desfrutando a vida com que sonhara.



### ***Ao pé do ouvido***

- Acredite em milagres mas não dependa deles.
- Quando ouvir falarem bem de um amigo, conte isso a ele.
- Mime seu cônjuge, não seus filhos.
- Jamais caçoe de gente que fala mal sua língua. Isso quer dizer que conhecem outro idioma.
- Lembre-se: não cabe a você fazer as pessoas gostarem de você; cabe a você gostar das pessoas.
- Para ajudar seus filhos a se darem bem na vida, passe com eles o dobro do tempo e gaste com eles a metade do dinheiro.
- Lembre-se de que a única pergunta tola é aquela que você queria fazer mas não fez.